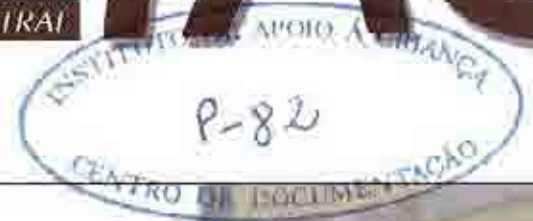




Boletim do IAC

Instituto de Apoio à Criança

Nº27 ♦ SETEMBRO/OUTUBRO ♦ 1993 ♦ BIMESTRAL



EDITORIAL

MARGINALIDADE TEM COR?

1. A opinião pública portuguesa foi recentemente confrontada com notícias preocupantes (e potencialmente alarmantes) sobre grupos armados organizados, dispostos a acções violentas. A notícia de maior impacto diz respeito a um relatório destinado a entidades oficiais, a qual se seguiu o anúncio oficial de medidas no domínio da segurança pública. O traço mais comentado dessa notícia foi o de se tratar de grupos de origem negra — circunstância que acrescentou aos problemas da marginalidade e da segurança e paz públicas outros dois: o problema dos imigrantes e a questão étnico-racial.

Seguiram-se àquelas notícias comentários dos meios de comunicação, salientando uns o que entendiam ser uma injustiça perante os grupos negros o facto de se ter dado a impressão de que deunham o exclusivo da violência (quando o certo é que também existem grupos brancos utilizando idênticos métodos), enquanto outros faziam ressaltar que o que os movia não eram preconceitos raciais mas o sentimento de insegurança objectiva em que se encontravam, eles e as suas famílias.

Penso que estamos perante um problema tão real quanto complexo, que requer reflexão serena, culta e aprofundada. Não é possível contribuir para essa reflexão no âmbito deste breve apontamento. Todavia, procurarei apontar alguns traços dessa reflexão que me parecem importantes.

Para evitar equívocos, devo afirmar sem rodeios que desaprovo acções violentas, venham de onde vierem, e lamento que as pessoas cedam à tentação de recorrer à violência para expressar discordâncias e reivindicar direitos. E considero ser dever dos poderes públicos tomar, além do mais, medidas de protecção da população.

Todavia, creio que ao realçarem a existência de grupos "negros", esquecendo a de idênticos grupos "brancos", prestaram o mau serviço de dar uma imagem parcial da realidade, podendo suscitar reacções desequilibradas por parte da opinião pública.



TOLERÂNCIA CONTRA O ÓDIO

TODOS TÊM DIREITO À DIFERENÇA

PÁG 2/3

TERESA GRANADO

A PROCURA DA FAMÍLIA

PÁG. 4/5

CE RECOMENDA ACOLHIMENTO

PÁG. 6

COMO BRINCAM AS CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA

PÁG. 7

DAS RAZÕES DE SER MINORIA

DEOLINDA CARROLA*

PARA saber as razões de ser minoria é, naturalmente, preciso ser-se minoria ou conviver-se com as minorias. Ser-se marcadamente diferente não só no ser como no estar. Diferente no sentir, no agir, no reagir, no comer, no amar. Reconhecendo-se como minoria grupal, recusando-se como menores ou inferiores, sabendo-se malquistos e sujeitos pouco confiáveis, tipos para poucas intimidades, as minorias colecionam as suas razões.

Vieram em procura do "Eldorado", mas habitam barracas improvisadas nas periferias e zonas degradadas das grandes cidades ou alinhadas ao longo das estradas, em sobreocupação dos domicílios e com flutuação constante dos agregados, com fracas condições de higiene, com falta de privacidade. As crianças são vítimas de conflitos e desequilíbrios familiares, de sevícias corporais, de trabalho infantil, da mais completa violação dos direitos das crianças, gerados por toda a sorte de desajustes

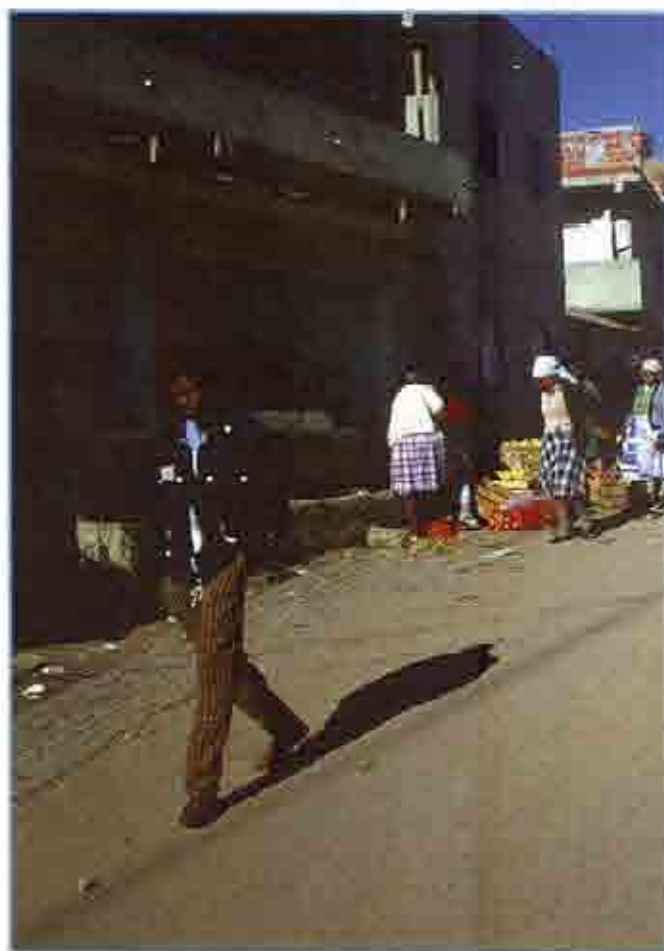
socioeconómicos.

Crescem no gueto, comunicam em crioulo, muitos não têm vacinas, deambulam sozinhas pelos bairros, vivem uma vida desregrada, sem horários nem disciplina, comem, e nem sempre, uma só refeição quente por dia.

E ainda que na família não lhes fosse passada a imagem da exclusão, marginalidade e baixa auto-estima e não o pressentissem no próprio gueto onde vivem, as crianças das minorias étnicas possuem, em "handicap", fartas razões para chegarem ao primeiro banho social, à primeira barreira naturalmente imposta e sentida enquanto diferentes — a Escola — fortemente desconfiados dos outros, receosos de confiarem nos seus pares e na sua sombra, agora pertença de outros contextos.

Durante algum tempo mantêm-se parcimoniosamente presentes, medrosamente distantes. Observam de longe (emotivamente), mesmo quando ousam encurtar distâncias (físicas), os professores, que encaram como os deuses, os donos do saber e do poder, os credores do destino.

Timidamente, acenam, sorratamente iniciam os sorrisos, cheiram, tacteiam e observam os cabelos, as roupas, os perfumes dos outros diferentes; negociam o entendimento com os companheiros, aproximam-se. Estruturam o seu grupo. Do professor, começam bem cedo a perceber que ele é o mais diferente de todos, que os diferencia com olhares carregados e poucos sorrisos, fazendo frequentes referências aos primos, os irmãos, aos vizinhos... todos uns bandidos! Tomam nota que, por razões várias, esperam que eles sejam mesmo diferentes do resto da turma e que apostam que a similaridade da pele, dos cabelos, da cor dos olhos, do odor corporal, do encaracolado das



pestanas, da forma "informal" de vestir, os vai fazer iguazinhos a outros tantos negros que tentaram ensinar.

Das razões pedagógicas dos grupos raramente se questiona, mas da cor dos alunos, isso é que é importante! Critérios de justiça? — "Um para ti, um para mim"; "Mas são amigos, vizinhos, afins..."; "São pretos e quanto mais separados, menos problemas!"

FEIOS, PORCOS, MAUS E... PRETOS

É provável que grande parte dos docentes não consiga perceber quanto é preconceituoso e, por essa razão, não encontre forma de se modificar. Franjas enormes pensam, e têm convicções fortes, que em Portugal se deve ser português, instituindo para este tipo um padrão restrito e convencional: branco, comedido, sem exuberâncias e, se for possível, educado e de boas famílias.

Ora, as crianças das minorias, enquanto as não metem em paradoxais camisas de força, restringindo-lhes o encanto pela "rua" e o gosto pela "festa", lembram as andorinhas que, quando chegam, anunciam a Primavera, o renascer da vida, o colorido e são sabor a bando. Chilreiam sem cessar na reconhecida língua do seu ninho, no seu crioulo vivaz, meio estridente,

BOLETIM DO IAC
N.º 27
SETEMBRO/OUTUBRO
1993
directora
Márcia Rosa Araújo
coordenação
Grupo Técnico do IAC
António Tomadó
Clara Castilho
Leonor Santos
edição
Instituto do Apoio à Criança
Largo da Memória, 14
1300 Lisboa
concepção gráfica
e produção
Joana Imaginária
fotógrafos
Roseta, Lda.
impressão
Minerva do Comércio
depósito legal
N.º 14478/91
tiragem
3000 ex.



que rompe barreiras e é tido como um insultuoso mal falado português. Ora é aí que logo começa o incômodo dos senhores das cátedras que se sentem incompreendidos, agredidos e desrespeitados na sua magnífica pose sublinhada pelas primeiras restrições.

Alguns professores, quando num leal acto de contrição, dizem: "Eu, não! Não procedo assim!" Mas como e porquê queremos ver lírios nesses pantanais que são as nossas escolas? Eles nascem espontâneos e lindos se o seu campo for preservado precisamente pelos professores. Eles crescem saudáveis, fortes e naturais se lhes for permitido que o sol por eles se reparta e os ilumine. Afinal, se não se souber respeitar as diferenças, respeite-se a individualidade.

Como nos espantamos nós que seja esta geração de jovens, nascidos em Portugal, cuja cultura sofreu um transplante que sabemos não foi só descuido mas ainda virulento e exposto, abafado e anti-séptico, que esteja a solrer de gangrena e podridão, se nada foi prevenido, tudo está pelo menos tendenciosa, filosófica e politicamente mal diagnosticado. E o tratamento poderá até estar prescrito num pa-

pel de decreto com fármacos de reconhecido êxito, testados no estrangeiro, mas não tem tradução em português ou custa preços tão altos que, esses, "os brandos costumes", os que eram conhecidos por permissivos à miscelização, que até colonizaram e emigraram, os que tinham grandes corações abertos à solidariedade — "os portugueses brancos" entenderam que lhes estavam a entrar nos bolsos e nas fazendas ou então não entenderam mais nada senão aquilo que os media sensacionalistas e frenéticos, numa concorrência abusiva, dizem e escrevem, e que valha a verdade e o sentimento são algumas atoardas de se lhe tirar o chapéu.

A esta jovem minoria apagou-se-lhe ou reescreveu-se-lhe o passado, o presente não interessava e é duro como o aço. O futuro, esse, ou é negro ou não existe.

Querem jovens são, pretos, mestiços ou brancos, que não se-

jam servos de glebas como o álcool, a droga, a prostituição e outros não menos deprimentes?

Pois bem, alteremos todos nós o consumismo desta sociedade em que vivemos, refreemos os nossos ímpetos de concorrência atropelando tudo e todos, recheemos de sentimento e carinho primeiro a família, logo os vizinhos, a escola, a comunidade... muito colorida mas independente da cor. Mas façamo-lo como deve ser e nos seus tempos (sem convulsões ou pretensas simulações). Começemos já, porque logo será tarde. Aproveitemos os istmos antes que esta maioria de minoria jovem fique perfeitamente ilhada e sem saídas.

E já que não podemos pedir à engenharia genética uma sobrecarga de bom senso no ADN dos seres de todas as cores, esforcemo-nos, ao menos, por preservar os valores essenciais e partamos à procura daqueles de que abrimos mão mas de que sentimos falta e tentemos recuperá-los.

Muitos acreditam que é necessário que clarifiquemos as nossas relações numa escala não sei de quê a não sei quantos.

Eu, enquanto educadora e co-responsável na formação da geração do hoje e do amanhã, sou a favor do bom senso, da tolerância, da cooperação e contra o ódio, a força, a coerção e o extremismo. Reservo e preservo os direitos à individualização e à diferença e os deveres de existir feliz em harmonia.

*Professora da Escola C. + S. Francisco de Arruda



M

ARIA Teresa Granado nasceu em 29 de Março de 1929, na Covilhã, em família abastada e culta. O pai, médico, era também um amigo para os doentes, sempre pronto a ajudar e a vencer dificuldades. O exemplo de solidariedade para a Teresa e os seus cinco irmãos...

A Teresa, aos 8 anos, passava pela cadeia ao regressar da escola primária que frequentava. Fazia-lhe impressão ver os presos atrás das grades... por isso, parava e cantava para eles as cantigas que sabia, depois, mostrava-lhes os deveres que tinha de fazer em casa... Os presos e as crianças cedo despertaram a sua sensibilidade.

Muito nova ainda, renunciou a um futuro profissional brilhante para seguir o ideal de humanidade e total entrega aos outros, de S. Francisco de Assis.

Como franciscana missionária, dirigiu hospitais, escolas e colégios em Macau. Reflectiu em Carachi, suavizou a vida de presos por onde passou. Mendigou em Paris, trabalhou em bairros pobres de Itália.

Regressada a Portugal, quando dirigia o Instituto de Serviço Social de Coimbra, criou o serviço de apoio às crianças filhas de emigrantes.

Durante 1967, fez mais de 200 reuniões com emigrantes, antes de partirem, deixando cá os filhos ainda pequenos, ou nas férias que vinham passar a Portugal, levando-os a reflectir sobre o seu sacrifício em deixar os filhos procurando longe o trabalho que lhes permitisse preparar o futuro das Crianças, devendo dar prioridade da aplicação dos salários recebidos à educação dos filhos, antes de comprar a casa ou o carro... A partir desta actuação, muitas destas crianças fizeram estudos em escolas oficiais e colégios.

Em 1968 criou a Comunidade Juvenil S. Francisco de Assis, na Rua Luis de Camões, precisamente com duas casas para filhos de emigrantes, pensando que é muito importante criar uma resposta mais

completa à maneira de ser e estar dos filhos de pais emigrados, quase todos provenientes do meio rural.

Havia aspectos fundamentais a preservar: autodeterminação que essas crianças atingem muito cedo, a amizade existente entre elas, o sentido da partilha, o conhecer o mistério da vida através do contacto diário com a natureza e os animais.

Com os seus rapazes e raparigas, pensou, em conjunto, criar uma instituição diferente do que existia até então, não para ser original, mas para tornar mais felizes essas crianças que não se enquadravam nos colégios tradicionais.

Passados quatro anos, o IFAS pediu-lhe para aceitar os deficientes visuais que saíam do Instituto dos Cegos do Loreto. Foi o ponto de partida para a integração de deficientes no meio das outras crianças.

Pensando que é nas pequenas situações que surgem no dia-a-dia que se vai reflectindo e encontrando respostas mais adequadas aos problemas humanos da criança e do jovem, estando sempre atento e apaixonado, da forma de levar em frente soluções encontradas, foi surgindo um novo sonho, uma diferente realidade.

Entretanto, um estudo feito revelou que as populações achavam que estava a ser elitista "criando a classe dos filhos dos emigrantes" quando havia em Portugal tanta criança com problemas graves...

Passou então a receber outro tipo de crianças.

Em 1974 foi facultada a instalação da Comunidade, já organizada, numa residência pertencente à Fundação Bissaia Barreto, na Bencanta, onde

DE MUITO

permaneceu até 1985, sempre com o objectivo de um dia concretizar o seu sonho de construir "uma pequena aldeia com vários lares de vivência familiar". Nestas casas as crianças encontrariam a segurança, o afecto e a continuidade da acção tão importante da Educação e preparação do futuro. Teresa Granado considera importante a estrutura, mas acha fundamental a vivência realizada no interior das casas, "pois Cristo não se revela através das paredes, mas pela vida das pessoas".

Chamou à comunidade "de S. Francisco de Assis", por lhe parecer que este é o Santo mais humano da História da Igreja. Numa certa identificação com ele, procura também ser humana, aceitar as pessoas como são, respeitar o ritmo de crescimento próprio de cada um, dar-lhes sempre o direito livre de opção.



MADRE TERESA GRANADO A MÃE DOS FILHOS

ROSA AMÉLIA TOSCANO FARIA E SILVA*

Para atingir este ideal, recorreu à Câmara Municipal de Coimbra, que cedeu o terreno no Vale do Seixo (Estrada de Firas), onde foram sendo erguidas as casas pré-fabricadas, hoje habitadas por 74 crianças e jovens em grupos de 10 a 15 por casa, em vida familiar.

Cada lar tem uma apoiante, adulta, e dois jovens mais velhos como responsáveis.

Não há idade limite para entrar ou sair da comunidade, que recebe desde recém-nascidos a jovens universitários. Todos os habitantes da aldeia, crianças e jovens, frequentam infantários, escolas primárias e secundárias, faculdades e escolas profissionais.

Têm assistência médica como qualquer outra família, frequentam vários desportos e participam em

actividades exteriores, conforme são convidados. Têm protocolo de acordo com o CRSSC para 80 crianças, mas, como têm 126...

Sentindo a necessidade de adquirir um espaço onde possam criar-se animais e obter produtos alimentares, conseguiu, com a ajuda de amigos e instituições, comprar uma quinta em Olho Marinho, aldeia do concelho de Vila Nova de Poiares. Nessa quinta vivem já 46 crianças e jovens apoiados por sete responsáveis que integram uma educadora, uma técnica auxiliar e uma jurista.

Desta comunidade já saíram 270 crianças e jovens com perspectivas de futuro bem diferentes das que tinham ao entrar...

Daqui saíram 23 licenciados em várias faculdades, assistentes sociais, médicos, etc.

Algumas crianças, adoptadas por famílias, sentem-se integradas e felizes. Outros saíram para emprego e casamento. Um facto curioso: os universitários promovem uma acção junto de suas famílias que mudam por completo.

A Comunidade tem presentemente nove casas, uma ludoteca, duas cozinhas, duas lavandarias, um posto emissor de rádio e uma capela à espera de oferta de ter-

reno, assim como a construção da Casa dos Avós.

Como vive? De que vive?

Com dificuldades, naturalmente, mas... sempre vão surgindo ajudas. Vários amigos e doadores, as instituições oficiais, o Ministério da Justiça, CRSSC, particulares, DREC, destacando professores e educadores, voluntários que dão tempo.

O jornal *Eco do Vale*, que se vai publicando de três em três meses.

O recém-criado Círculo de Amigos e as bolsas verdes que ajudam à educação de algumas crianças residentes.

E a vida vai decorrendo, entre a serenidade e a preocupação, lá, no Bairro da Liberdade, no Vale do Seixo e em Olho Marinho.

E a Madre Teresa, a nossa Teresa Granado, que em 1983 foi chamada a Itália para receber a condecoração internacional da Solidariedade, não desiste de ser mãe de muitas crianças e jovens.

E que, quando era pequena e lhe perguntavam o que queria ser quando fosse grande, respondia: "Quero ser mãe de muitos filhos"... Quantos, doze?, perguntava-lhe o avó. "Não. Doze, mais doze, mais doze"...

O desejo cumpriu-se, e Teresa Granado vive rodeada das suas muitas dúzias de filhos que são a sua ternura, a sua aflição, a sua razão de viver!

* Responsável pela Delegação Portuguesa do Comité Português para a Unicef



PROJECTO DE RUA

BALANÇO DE SETEMBRO

EM regime de internato e com trabalhos efectuados tanto ao nível de equipas gémeas como ao nível de plenários com todos os elementos da equipa, decorreu de 2 a 6 de Setembro, na Colónia de Férias da Física de Torres Vedras, uma avaliação do Projecto de Rua.

A análise da situação das Crianças de Rua e acompanhamento pelo Projecto das respectivas famílias, utilizando quatro instrumentos de avaliação (genograma, ecomapa, escalas avaliativas dos menores familiares); uma análise da metodologia aplicada (das acções dos elementos de registo e dos aspectos transferíveis); uma abordagem quanto ao impacto do Projecto nas Crianças, nas famílias, nas instituições implicadas, na população em geral e na comunicação social; uma análise do Programa de Acção para 1993/94, e uma visão do futuro Projecto, perspectivado pelas várias equipas ao nível da justificação,

dos objectivos, da estrutura, do parceriado, da participação, das estratégias e actividades, da avaliação, da visibilidade — foram matérias da programação efectuada ao nível da avaliação.

Os trabalhos avaliativos finalizaram com a apresentação do trabalho realizado ao longo dos cinco dias da avaliação, sob a forma, nomeadamente, de teatro.

No final da avaliação, estiveram presentes representantes da Unidade Nacional de Avaliação do Programa "Pobreza 3", parceiros do Projecto de Rua, representantes do IAC e da directora-geral de Acção Social.

INTEGRAÇÃO SOCIOPROFISSIONAL

Um projecto de formação profissional, destinado a menores e suas famílias foi lançado pelo Projecto de Rua. Sob a designação "Jovens

de Rua — Integração Socioprofissional", o projecto, iniciado em Junho de 1992, terá capacidade para 30 famílias e 50 menores (com idade a partir dos 14 anos), num total de 80 pessoas.

O projecto enquadra-se no Sub-programa Destavorecidos do Programa Operacional Horizon, da Comunidade Europeia, tendo como objectivos a potenciação e consolidação do trabalho realizado pelo Projecto de Rua (no Programa Pobreza 3), proporcionando aos jovens e famílias condições para uma integração socioprofissional (orientação e formação profissional) e, em alguns casos, emprego.

"A formação profissional é uma forma de me realizar, de organizar a vida, porque gosto de estar bem. Para construir a vida trabalha-se e sem esta a vida pode não ter sentido", diria, ao fim dos primeiros seis meses, um formando.

ACOLHIMENTO

UMA importante recomendação sobre o "Acolhimento de Crianças" foi aprovada, no dia 31 de Março do corrente ano, pelo Conselho da Comunidade Europeia. Uma discussão alargada sobre o assunto viria a ter lugar no passado dia 14 de Outubro, com a presença em Portugal de um especialista estrangeiro.

A recomendação visa contribuir para a conciliação das responsabilidades familiares com a actividade profissional, social e cultural dos pais com filhos pequenos a cargo, bem como aponta a necessidade de que sejam proporcionadas às crianças condições de desenvolvimento e bem-estar.

Envolvendo diferentes sectores da sociedade — Estado, entidades empregadoras, trabalhadores, promotores de serviços de acolhimento, famílias, etc. —, a medida requer o empenhamento e a complementarização de esforços no desenvolvimento de meios adequados de protecção das crianças e capacitação das famílias para o exercício pleno da insubstituível função parental.

Aproveitando a estada em Portugal de Peter Moss — coordenador da Rede Europeia de Acolhimento de Crianças (REAC) e profundo conhecedor desta problemática —, o IAC, em colaboração com o REAC, promoveu um encontro restrito, no dia 14 de Outubro, às 14h30, no Auditório 3 da Fundação Gulbenkian, que proporcionou uma discussão alargada da recomendação segundo diferentes perspectivas, por forma a contribuir para a elaboração de propostas de medidas políticas neste âmbito.

SOS-CRIANÇA



O PRÊMIO Infante D. Henrique, em colaboração com a equipa do SOS-Criança, submeteu à aprovação da Secretaria de Estado da Juventude um projecto na área da infância no âmbito do programa Jovens Voluntários para a Solidariedade.

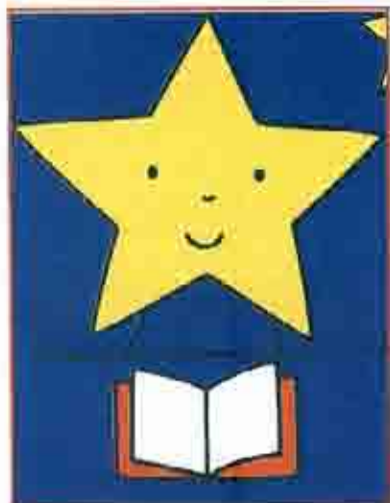
A finalidade destes projectos é ajudar na boa formação moral e física da juventude que cresce neste complicado mundo moderno, onde existem dificuldades a enfrentar e onde as oportunidades para a realização pessoal são muitas vezes limitadas.

PRESENCAS

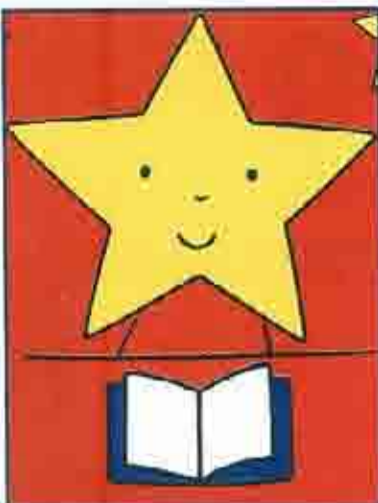
O coordenador do SOS Criança, Manuel Coutinho, comentou para o "Semanário" de 21 de Agosto passado, o caso do jovem delinquento inglês que veio para Portugal.

No passado dia 23 de Agosto, o coordenador do SOS foi entrevistado na área do trabalho infantil, no Jornal das 13 do Rádio Clube de Paços de Ferreira.

O MILAGRE DA LEITURA



NUM mesmo dia (10 de Outubro) e à mesma hora, em 250 teatros, em 20 países e em 25 línguas diferentes, por toda a Europa, espectadores/ouvintes a partir dos 6 anos de idade tiveram o prazer de ouvir a leitura em voz alta de um conto e de se relacionar



com o muito que se pode fazer a partir dos livros e da leitura.

Foi o Primeiro Dia Europeu da Leitura Teatral, que em Lisboa decorreu no Centro Cultural de Belém, onde foi lido em português, alemão, francês, inglês, holandês, cabo-verdiano e em linguagem gestual, o conto "A Estranha Senhora Bok", da escritora holandesa Anny M. G. Schmidt.

Organizado pelo Teatro Real, de Haia, em colaboração com a Convention Théâtrale Européenne e o European Bureau of Library, Documentation and Information Associations, o Dia Europeu da Leitura Teatral contou ainda com a colaboração do IAC, que divulgou a iniciativa.

CONTEXTOS LÚDICOS E CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA

"CONTEXTOS Lúdicos e Crianças com Deficiência" foi o tema da acção de formação que se realizou em Setembro, nos dias 16, 17 e 18, e contou com a organização conjunta do Grupo da Actividade Lúdica do IAC e da Liga dos Deficientes Motores.

Reuniram-se nesta acção Erika Alvars, Teresa Brandão e Leonor Santos, como orientadores, e 30 profissionais e técnicos, cuja prática está ligada às crianças com e sem deficiência, à educação, à saúde, à comunidade.

Nas várias sessões de trabalho, foi reiterada a necessidade de operacionalizar os princípios de igualdade de direitos e de oportunidades defendidos para todas as crianças com e sem deficiência.

Mereceu especial atenção o papel do jogo e do brinquedo no desenvolvimento da criança. Citando Vedeler (1986), "É mais fácil adquirir as competências fundamentais através do jogo do que no quadro das aprendizagens tradicionais (...) mas o jogo caracteriza-se pelo facto de ser voluntário e de a mesma actividade poder ser repetida, com variações, indefinidamente". Chamou-se a atenção para o facto de a actividade lúdica da criança corresponder mais ao seu nível de desenvolvimento do que à sua idade cronológica e, no caso das crianças com deficiência, o padrão de desenvolvimento do jogo ser idêntico ao das crianças "normais", podendo o conteúdo e a forma de jogar ser diferentes.

Várias podem ser as formas de entender o jogo na relação adulto-criança: o jogo como instrumento de observação (adulto); o jogo como meio de interacção (adulto-criança); o jogo como iniciativa, como domínio de objectos e situações (criança), como possibilidade de desenvolver capacidades, como possibilidade de compensar limitações.

Ao longo desta acção, foi dada uma tónica dominante à necessidade de interacção adulto-criança. É fundamental o papel dos pais e da família no processo de desenvolvimento das crianças.

AZEREDO PERDIGÃO

A morte de José de Azeredo Perdigão deixa em todos nós "um imenso vazio". São palavras do Presidente da República, Mário Soares, em declarações públicas, ao tomar conhecimento da morte do "artífice e alma da Fundação Gulbenkian", como também foi dito, no dia 10 de Setembro de 1993. A expressão serve o momento. E o Instituto de Apoio à Criança, num derradeiro reconhecimento, reitera o seu agradecimento. Ao homem, à obra — de que, afinal, também fizemos parte.

CRIARTE NO CENTRO CULTURAL DE BELÉM

NO dia 2 de Novembro, será inaugurada, no Centro Cultural de Belém, a Criarte, uma exposição de artes plásticas organizada pela IAC e que estará patente ao público até ao dia 8 de Novembro. Na mesma data, será lançado um livro com reproduções de todas as obras expostas.

A todos os artistas plásticos convidados, pelo seu interesse e generosidade, IAC, a Prestimagem e a Galeria 4 agradecem a colaboração.

ESCOLA DO ANO 2000

O Instituto de Apoio à Criança, com o Ministério da Educação, realizou, no passado dia 12 de Outubro, pelas 15 horas, no Anfiteatro da Escola Superior de Educação de Lisboa, na Av. Carolina Michaelis Vasconcelos, uma conferência com o título "Designing a XXI Century Classroom for Young Children", proferida pela Doutora Nancy Lauter-Klatell, especialista norte-americana em Desenvolvimento Curricular, no Wheelock College Graduate, Boston Massachusetts.

EDITORIAL

(CONT. PÁG. 1)

2. Entre os países europeus que foram colonizadores, Portugal tem-se destacado como aquele que mais e melhor promoveu o encontro entre a sua cultura e as culturas dos povos com os quais estabeleceu contacto. O Brasil em maior grau e Goa em menor são exemplos de novas culturas que emergiram desse encontro. A perda de abertura cultural constituiria uma perda lastimável para o país, para a Europa e para o mundo. O país perderia o que, em meu entender, é o traço mais importante e original da sua história colonial. Um dos traços que marca a sua diferença relativamente aos demais países da Comunidade Europeia e com base na qual Portugal deveria reivindicar o direito à diferença no modo de se relacionar com países terceiros.

3. Portugal, que é um país com uma dura experiência de emigração, está em condições de perceber, como poucos, a dureza desta situação. Não se compreenderia, pois, que tivesse para com os imigrantes uma posição incoerente com a sua própria experiência.

4. Por outro lado, a postura dos grupos cuja existência notícias denunciaram tem de ser compreendida no contexto a que pertence: a "marginalidade" tem relação com os mecanismos de exclusão social que temos de procurar conhecer e combater; se quisermos atingir as verdadeiras causas do problema. Importa perceber como e por que processo os jovens — negros ou brancos — chegam a uma situação que os tenta a recorrer à violência, ou a outros tipos de comportamentos anti-sociais, de marginalidade ou delinquência.

Creio que devemos procurar compreender os problemas na sua globalidade, incluindo globalidade uma memória histórica,

ALFREDO BRUTO DA COSTA

IAC DINAMIZA CAMPANHA DE SOLIDARIEDADE

UM Centro de Apoio às Crianças da Rua, a instalar num espaço cedido pelo Ministério do Emprego e Formação Profissional, uma linha de telefónica SOS-Criança para a zona do Porto/Norte, montada em instalações cedidas pela Câmara Municipal do Porto, e ainda

dois novos espaços para brincar, um no Serviço de Pediatria do Hospital de Santa Maria e outro na Liga Portuguesa dos Deficientes Motores, serão criados com os fundos resultantes de uma campanha financiada pela empresa de lacticínios Mimoso e dinamizada pelo IAC.

O montante a atribuir a esta iniciativa — apoiada por uma campanha publicitária que começou em Outubro que incluirá programas e spots televisivos, outdoor, cartazes e desdobráveis — resultará das vendas dos produtos Mimoso, sobre cada um dos quais será descontado um determinado valor, a canalizar para o Instituto de Apoio à Criança.

Este importante projecto humanitário, com o lema "Dê a Mão às Nossas Crianças", foi objecto de um protocolo de cooperação, assinado, no passado dia 12 de Outubro, em Lisboa, pela presidente do IAC, Manuela Eanes, o director-geral da Mimoso, Casimiro de Almeida, o secretário de Estado da Segurança Social, Vieira de Castro, um representante da Câmara Municipal do Porto, o director do Serviço de Pediatria do Hospital de Santa Maria e a directora da Liga Portuguesa dos Deficientes Motores, Guida Faria.

Na cerimónia de assinatura do protocolo, Manuela Eanes anunciou a instituição de quatro prémios de reportagem alusivos à problemática da criança, a cada um dos quais será atribuído um prémio de 500 contos, igualmente patrocinado pela Mimoso. Os prémios, promovidos em colaboração com o Clube de Jornalistas, dividem-se nas categorias de reportagem escrita, rádio, televisão e fotográfica.



1995-12-05